



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

FERNANDA SOARES RAIMUNDO

**O PAPEL DA TRANSEXUALIDADE NA REPRESENTAÇÃO DE UMA
TRANSIDENTIDADE DA CONTEMPORANEIDADE**

**GUARABIRA
2017**

FERNANDA SOARES RAIMUNDO

O PAPEL DA TRANSEXUALIDADE NA REPRESENTAÇÃO DE UMA
TRANSIDENTIDADE DA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de licenciada em
Letras Habilitação em Língua Portuguesa.
Área de concentração: Literatura e gênero.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

GUARABIRA
2017

R153p Raimundo, Fernanda Soares.
O papel da transexualidade na representação de uma
transidentidade da contemporaneidade.
[manuscrito] / Fernanda Soares Raimundo. - 2017
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Rafael Francisco Braz,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Transexualidade. 2. Garota Dinamarquesa. 3.
Diversidade sexual.

21. ed. CDD 344.041

FERNANDA SOARES RAIMUNDO

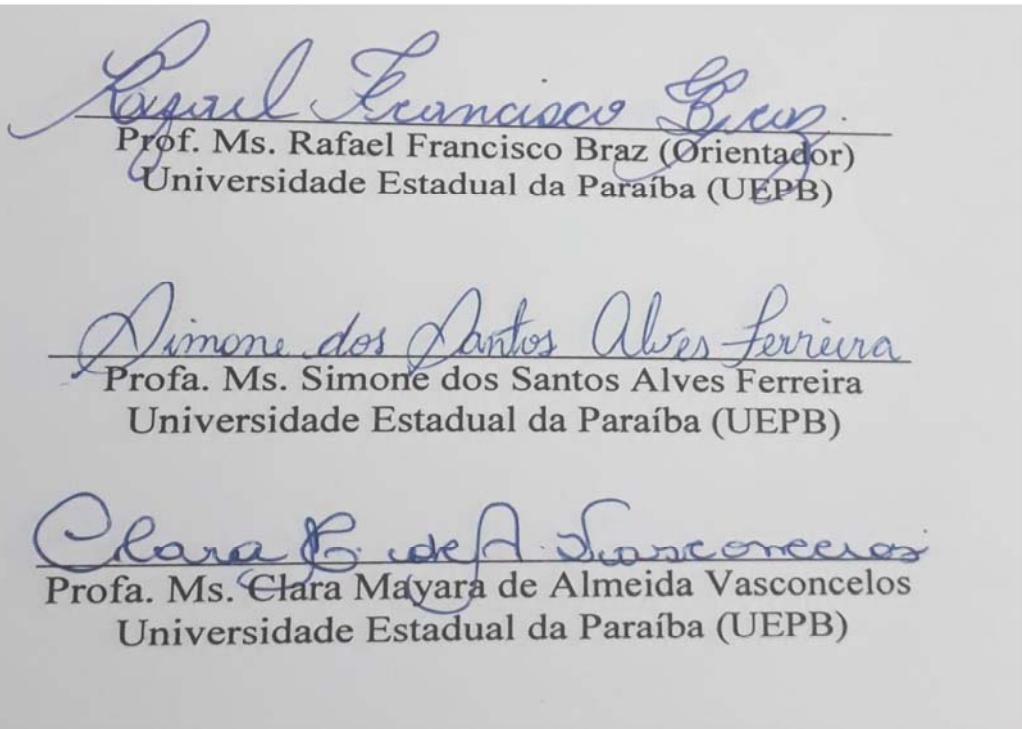
O PAPEL DA TRANSEXUALIDADE NA REPRESENTAÇÃO DE UMA
TRANSIDENTIDADE DA CONTEMPORANEIDADE

Artigo, apresentada ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciada em Letras Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Gênero e Psicanálise.

Aprovada em: 13 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Dedico este trabalho aos meus pais, Maria Eunice soares Raimundo e José Severino Raimundo. Aos meus irmãos Rafael e Fernando e a meu esposo Natanael que tanto incentivaram na produção do mesmo e acreditaram na minha força de vontade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois minha vida é baseada em seus ensinamentos, sem ele eu não seria nada, e quando pensava que nada iria dar certo pedia forças a Deus e ele não me decepcionava.

A minha mãe e ao meu pai, pois se não fossem por eles não estaria aqui, eles são as pessoas que tanto amo que mim deram muito apoio em meio as dificuldades, educação e amor. Ao meu esposo que mais se esforçou para que eu concluísse este trabalho. Aos meus primos Ricardo e Danielle que sempre participou ativamente da minha vida. A toda minha família que em nenhum momento deixou de se fazer presente em meu processo de formação.

Aos meus amigos, João Batista, Biu, Miguel e Leandro que contribuíram de forma direta e até mesmo indireta com palavras de conforto e ânimo. Sem esquecer de Tom minha luz diante da escuridão acadêmica e da Galera do carro que me proporcionou chegar até aqui, me acompanhando a todas orientações.

Agradeço, também, ao professor Rafael Francisco Braz, e esse agradecimento é mais que especial, pois, ele dedicou-se como nenhum outro no meu processo de formação, me fez descobrir através desse trabalho, que as lutas contra o preconceito vem desde bem antes e pendura aos dias de hoje, ele me deixou ensinamentos que levarei pra vida.

“No negrume da madrugada, as mãos do prof. Alfred Bolk haviam feito Einar Wegener passar de homem a mulher, removendo os dois testículos do saco escrotal. Poucas horas depois Lili Elba afundava na inconsciência por três dias e três noites.”

David Ebershoff, 2010.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	NA ORDEM DO SILÊNCIO	11
2.1	O papel do queer.....	12
2.2	Foucault e a sexualidade	13
2.3	BIOGRAFIA DE DAVID EBERSHOFF.....	14
3.	A GAROTA QUE ELA SEMPRE FOI: DINAMARQUESA.....	15
4.	CONSIDERAÇÕES	18
	REFERÊNCIAS	20

O PAPEL DA TRANSEXUALIDADE NA REPRESENTAÇÃO DE UMA TRANSIDENTIDADE DA CONTEMPORANEIDADE

Fernanda Soares Raimundo*

RESUMO

Este artigo discutirá sobre um breve panorama da transexualidade, assunto bastante decorrente nas redes sociais e que envolve vários pontos de divergências: políticas, sociais, econômicas, psicológicas, culturais e/ou sociais. Para tanto, como arcabouço teórico, baseamo-nos no pensamento da teoria *Queer*, que estuda o discurso das minorias, sejam estas gays, lésbicas, trans, negros, mulheres e se opõe ao concreto mulher/homem, hetero/homossexual, tendo em vista que a sexualidade seja algo construído através da identidade social. É como o rompimento das normas, fugindo do que a sociedade tende a impor. No entanto, o principal objetivo deste artigo é mostrar a aceitação por parte da sociedade com relação a essa sexualidade e o que se é imposto a pessoa transexual em seu ambiente de socialização. Este estudo se desenvolverá de forma analítica e comparativa, uma vez que será usada a teoria *Queer* de Judith Butler (2003) cotejando com o discurso de Foucault (1996 e 1998) na Ordem do discurso e na História da Sexualidade: a vontade de saber, assim, fazendo uma análise crítica do papel do discurso transexualidade apresentado no filme *A Garota Dinamarquesa*, através de um método analítico/bibliográfico. A análise nos mostra que a sociedade preconceituosa tem um poder controlador que silencia de forma drástica a diversidade sexual, quer seja por meio da mídia, da religião ou da própria ignorância. Não pense que hoje está diferente de antes, o preconceito torna-se pior. Devemos respeitar as diversidades, e não só respeitar, mas também defender o ponto de vista daqueles marginalizados que não têm vez e nem voz.

Palavras-chave: Transexualidade. *Garota Dinamarquesa*. Diversidade sexual.

1 INTRODUÇÃO

Quando lemos um livro, temos relatos de memória, de vidas, de imaginações muitas histórias reais outas inventadas e algumas que ninguém sabe de fato sua origem, essas histórias muitas vezes são de dor de sofrimento, e a maioria do sofrimento pendura até os dias de hoje, pois, o causador ainda insiste em agir.

Foi pensando sobre isso que fizemos essa pesquisa, iremos tratar aqui de uma história real vivida por um casal dinamarquês que viviam em Copenhague, história essa narrada a partir do ano de 1925.

* Aluno de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: afaelbrazprof@gmail.com

A luta por libertação contra uma sociedade que rotula e oprime aos que se recusão a obdece-la, Einar e Greta foram protagonista de uma brilhante história de amor e de luta para poder usufruir a sexualidade própria sem que todos os apontem como deve ser “SOCIALMENTE CORRETO”, Greta foi a principal influenciadora da transformação vivida por Einar, ela conhecia-o mais que qualquer pessoa e mesmo sofrendo pela perda do marido estava ao lado dele até o último instante.

Observamos quanto tempo faz que que essa luta existe, mas atualmente é preciso continua-la, a sociedade parece não ter evoluído conforme a evolução da tecnologia, os conceitos aceitáveis ainda são os mesmos ou muito menos do que já existiam, parece haver um retrocesso.

Vivemos em um mundo cada vez mais globalizado, junto a essa globalização, cresce também o racismo, a homofobia, entre outros problemas ligados ao preconceito. Através disso cria-se uma resistência por parte das minorias, sejam, homossexuais, mulheres, negros, profissionais do sexo, entre outros, que sofrem constantes abusos por parte de um poder conservador e detentor de uma “verdade” imposta, seja, pela religião ou através da ciência.

“Certamente se nos situarmos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se nos situarmos em outra escala, se levarmos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se.” . (FOUCAULT, 1996, p- 14)

É na descoberta do outro, que observamos os personagens do Romance, A Garota Dinamaquesa (2010), escrito por David Ebeshoff, que vivenciam a realidade de pessoas que sofreram, viveram e aprenderam com a mesma limitação imposta pelo poder opressor da sociedade machista.

Nessa linha de pensamento esse artigo discutirá sobre um breve panorama da transexualidade, assunto bastante decorrente em redes sociais, jornais, revistas, universidade e escolas que envolve várias camadas sociais que arguem com pontos de divergências: políticas, sociais, econômicas, psicológicas, culturais e/ou sociais seguindo um padrão de conduta sobre o que é certo e/ou errado.

Visto que o Romance, A Garota Dinamarquesa, narra à história real de uma garota transgênico chamada Lili, a primeira a se submeter a cirurgia de redesignação de sexo, que é procedimento cirúrgico em que as características sexuais do indivíduo são mudadas para a do sexo oposto, vulgarmente conhecida hoje como cirurgia de troca de sexo.

Além disso, relata todo sofrimento causado pelo despertar desse desejo, tendo em vista que se tratava a princípio de um rapaz casado em que a sociedade se espelhava, mas passou a ofendê-lo a partir do momento em que ele reassumiu sua sexualidade.

Na linha de raciocínio, propomos nessa pesquisa de habilitação a língua portuguesa interpretarmos o discurso do poder acerca da sexualidade como transidentidade em meio a sociedade.

Os espaços da resignificação da memória presentes no romance a Garota Dinamarquesa, bem como as questões da transidentidade, a partir, de um estudo analítico da obra, em torno da personagem principal, Lili Elber que rompe as barreiras da sexualidade predestinada, assim, também como a categoria temática é analítica gênero/ transidentidade.

No entanto, o principal objetivo deste artigo é mostrar a aceitação por parte da sociedade com relação a essa sexualidade, atentando ao fato de que a sexualidade do indivíduo está em constante formação e o que se é imposto a pessoa transexual em seu ambiente de socialização.

Em 2010, é lançado aqui no Brasil pela editora Rocco Ltda e traduzido por Paulo Reis o romance A Garota Dinamarquesa, que inspirou um filme vencedor e um Oscar pelos diretores Eddie Redmayne e Alice Vikander.

Foi publicado, oficialmente, no ano de 2000, e teve como fonte de inspiração a história da vida de uma das primeiras pessoas que se submeteram a cirurgia de resignificação de sexo, através disso ganhou o prêmio *Rosenthal* da fundação da Academia de Artes e Letras e o prêmio de Ficção Transgêneros *Lambdapara*.

Nesse contexto, fomos impulsionados na realização dos estudos do comportamento feminino presentes na personagem, Lili Elber, e analisamos o discurso de poder que tem perante a sociedade.

Na tentativa de desmascarar uma sociedade que diz aceitar a diversidade, mas que na verdade vela o discurso especificamente das pessoas transexuais, trouxemos essa pesquisa, para que a voz do preconceito seja calada e se dê lugar a voz daqueles que permanecem calados diante do que se é tido como a verdade absoluta imposta pela sociedade como um todo, isso para que não nos enganemos com falso moralismo, e não julguemos ninguém conforme essa imposição.

Podemos, no entanto, especificar nosso objetivo como: a-) Evidenciar os problemas enfrentados pelas minorias em especial transexuais; b-) Categorizar o papel da transexualidade na personagem Lili que é de total relevância a sociedade; c-) interpretar o discurso que a sociedade tem mediante as discursões de gênero.

Nessa perspectiva, conduzimos a pesquisa buscando despertar o senso crítico acerca da transidentidade, por meio de dados históricos apontados no romance, romper a mordaça que silencia desde sempre a voz feminina. Esta pesquisa é de caráter quanti/qualitativa.

O cunho teórico dessa pesquisa é através da análise do discurso sobre a perspectiva da teoria Queer, de Judith Butler, que estuda o discurso das minorias, sejam estas gays, lésbicas, trans, negros, mulheres e se opõe ao concreto mulher/homem, hetero/homossexual, tendo em vista que a sexualidade seja algo construído através da identidade social. É como o rompimento das normas, fugindo do que a sociedade tende a impor. Sobre este aspecto a pesquisadora Salih (2015, p.,10) afirma que: *“a formação da identidade da subjetividade, descrevendo os processos pelos quais nos tornamos ao assumir as identidades sexuadas/”generificadas”/ racializadas que são construídas para nós (e, em cerca medida, por nós) no interior das estruturas de poder existentes”*.

Este estudo se desenvolverá de forma analítica e comparativa, uma vez que será usada a teoria *Queer* de Judith Butler (2003) cotejando com a teoria do discurso de Michel Foucault (1996 e 1998) na Ordem do discurso e na História da Sexualidade: a vontade de saber, assim, fazendo uma análise crítica do papel do discurso transexualidade materializada no livro *A Garota Dinamarquesa*, através de um método analítico/bibliográfico.

Desta forma para execução de nossa pesquisa dividiremos esse artigo em três tópicos o primeiro - Intitulado *“Na ordem do Silêncio”* que com base na teoria das escritoras Beauvoir 1967, Reis 2014 e Salih 2015 acerca dos estudos de gênero e sexualidade, já no segundo nomeado *“O Papel do Queer”* discorre sobre a teoria de Judith Butler (2008), Foucault (1996), Giddens (1981) e Bento (1996) evidenciando a transexualidade como um processo de transidentidade e, por fim, no terceiro chamado de *“A Garota que ela sempre foi: Dinamarquesa”*, que analisa a história de, Lili Elber, e evidencia toda a luta em busca da libertação enfrentada por ela.

Nessa presente artigo de conclusão de curso, buscamos o reconhecimento e acima de tudo o respeito por parte da sociedade que impõe seu discurso de poder sobre a predestinação da sexualidade das pessoas e não permitido que vivam sua identidade própria e que desejam libertar essa pessoas de suas mordaças e sejam tratadas com igualdade e respeito independente sua orientação, pois a final de contas, toda forma de amor é válida.

2. NA ORDEM DO SILÊNCIO

Vivemos num período em que todo e qualquer ato contrário às razões impostas a sociedade deve-se ser escondido e, ao mesmo tempo, silenciado. Sendo que esse problema não vem de hoje, a nossa sociedade quer seja hoje ou quer seja antigamente excluía a mulher, e tudo que parte do pressuposto da mulher, também, será excluído e rejeitado pela sociedade.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é um conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que se qualifica de feminino somente a meditação de outrem pode construir um indivíduo como um outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada (BEAUVOIR, 1967, p., 9)

Simone de Beauvoir (1980), retratou a figura da mulher numa metamorfose e que se encontra em constante mudança, ocasionada por poderes impostos pela sociedade de sua época, pois de acordo com Reis (2014),

Pode-se afirmar que o empenho de Beauvoir em tentar problematizar a definição de “a mulher” e as inúmeras constatações obtidas em suas pesquisas- como, por exemplo, a sujeição da mulher na história e, em especial, a constatação de que muitos acreditavam (e ainda acreditam) que ser mulher é algo similar a um erro, a um ser incompleto- tudo isso certamente deu início aos estudos feministas, posteriormente aos estudos de gênero e aos estudos sobre a sexualidade não normativa, culminando atualmente com os estudos “QUEER”. Penso ser aqui relevante pontuar algumas questões. (REIS, 2014, p., 361)

Desde antes do nascimento de uma pessoa, surge grande expectativa diante à curiosidade de saber se é do sexo feminino ou masculino, a partir disso, começam as rotulações através das roupas, brinquedos e acessórios que os pais compram para seus filhos sendo rosa para a menina, azul para o menino, carro pra menino, boneca pra menina, isso faz com que a menina já cresça formada a ser inferior, a ser do lar, a ser mãe, mas na verdade ninguém sabe ou leva em conta qual o desejo dessa menina. Cotejando o comentário de Beauvoir (1980) com o de Salih (2015), afirma-se,

Se o argumento de Beauvoir, de que não nascemos mais nos tornamos uma mulher, está correto, segue-se que a mulher em si é um termo em processo, um devir, um construir do qual não se pode dizer definitivamente que tenha origem e fim. Como uma prática discursiva contínua, ela está aberta à intervenção e a ressignificação. Mesmo quando o gênero parece se cristalizar nas formas mais reificadas, a “cristalização” é, ela própria uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por diversos meios sócias. Para Beauvoir nunca é possível se tornar, finalmente, uma mulher, como se houvesse uma telos que governasse o processo de aculturação de construção. (SALIH *apud* GT, 2015, p., 66)

Ambas pensadoras da teoria feminista afirmam que não existe fim para a construção de um gênero, e que esse processo de generificação não é dado pelo que somos, porém, pelo que fazemos, perfeitamente exemplificado pela experiência transexual. Mesmo assim, a sociedade religiosa e cientificista insistem em discordar do obvio e continuam agindo de

forma preconceituosa, com as pessoas que só querem ter a liberdade de poder escolher sua sexualidade, sem que seja imposto a todo minuto pela sociedade opressora.

2.1 O papel do *Queer*

Queer é uma palavra inglesa, não traduzida, atualmente, utilizada como ofensa para pessoas homossexuais, ou mesmo, homoafetivas, travestis, transexuais e todas (os) aqueles e aquelas que fogem dos padrões impostos pela sociedade falocêntrica, assim, não existe nenhuma palavra que possa exemplificar e/ou comparar os significados em língua portuguesa., pois para Butler (2008, p., 19) “A teoria *Queer* surgiu, pois, de uma aliança (as vezes incômoda) de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito”.

A proposito da Teoria *Queer*, é atuar no levantamento das questões de formação da identidade, afim de tornar os sujeitos das minorias em pessoas capazes de assumir a sexualidade construída por eles para eles.

Enquanto os estudos de gênero, os estudos gays e lésbicos e a teoria feministas podem ter tomado a existência de “o sujeito” (isto é, o sujeito gay, o sujeito lésbico, a “femea” o sujeito “feminino”) como um pressuposto, a teoria *queer* empreende uma desconstrução dessas categorias, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e “generificadas”.(BUTLER, 2008, p., 20)

Entretanto, a sociedade tenta impor a cada pessoa um único padrão a ser seguido, sem ao menos respeitar o sentimento de cada indivíduo, não aceitando a escolha e humilhando cada um da forma que bem poderem, mantendo um discurso controlador no mais diversos sujeitos pertencentes a sociedade segundo Foucault (1996, p. 8-9), que afirma “*Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada silenciosamente, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos os que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade*” .

É preciso desvendar bem o que vai ser falado, onde, para quem e por quê?. A sociedade em que vivemos é exclusivista, preconceituosa, interditaria. O que nos tira o Direito de falar de tudo com medo que haja repressão ou nos torna repressores.

No argumento Foucaultiano (1996) vemos que é apontado a área da sexualidade como a mais prejudicada, como também, a da Política, que pelo pouco que conhece, será até capaz de afirmar e concordar com esse pensamento.

Notaria apenas que, em nossos dias as regiões onde a grade é mais cerrada, onde buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política como se o discurso longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica. Fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado alguns de seus mais terríveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente sua ligação com o desejo e com o poder. (Foucault, 1996, P. 9, 10)

A sociedade é a principal responsável pelo processo de exclusão, sendo ela mesma a própria agente do preconceito imposto, especialmente sobre as questões voltadas ao gênero e a sexualidade do ser, impedindo de transforma-se igualitária.

2.2 Foucault e a sexualidade

Do ponto de vista de Foucault, o poder é opressor, controlador, mas também é mobilizador, o agente detentor deste poder é responsável pela forma que irá utiliza-lo, não sendo um estabelecedor de limites, também podendo ser usado como instrumento para produção de prazer, devido a isso, a sexualidade deve ser vista não apenas como sinônimo de imoralidade pela sociedade, mas como detentora de poder próprio para auxiliar no desenvolvimento do contexto social.

“A “sexualidade” não deve ser compreendida que as forças sociais têm de conter. Mais que isso ela é “Um ponto de transferência especialmente denso para as relações de poder”, algo que pode ser subordinado como um foco de controle social, pela própria energia que impregnada de poder, ela gera” (GIDDENS ,1981, p., 28)

A sexualidade surge como preocupação, pois se as mulheres sentiam necessidade de prazer sexual eram tratadas como anormais, no entanto, o que seria demais para a mulher, para o homem era considerado essencial. Para Bento (1996),

“O único lugar habitável para o feminino é em corpo de mulheres, e para o masculino, em corpos de homens. Nesses lugares é como se existisse uma essência própria, singular ao corpo, inalcançável pelo outro. Os atos das mulheres e dos homens são interpretados como “ a natureza falando em atos”. Essa hipótese produz promessas fundadas nas idealizações de uma “natureza perfeita”, como é o exemplo do “ amor/instinto materno” ou do homem naturalmente viril” (BENTO 1996, P.31)

Apesar de na contemporaneidade já se discutir mais frequentemente e abertamente sobre a sexualidade, os discursos ainda são carregados de preconceito principalmente em se tratar de mulheres, homossexuais, transexuais e lésbicas.

Podemos, assim, considerar parcialmente bem-sucedida a batalha pela alta expressão, apesar de que o preconceito ainda está profundamente enraizado e que a luta emancipatória das mulheres pela igualdade social ainda encontra bastante resistência.

2.3 Biografia de David Ebershoff

David Ebershoff, nasceu dia 17 de Janeiro de 1969 em Passadema na Califórnia, é o autor de quatro livros, incluindo a menina dinamarquesa e o bestseller *A 19a esposa*. A garota Dinamaquesa, foi adaptada para um filme vencedor de um Oscar com os vencedores do Oscar, Eddie Redmayne e Alicia Vikander.

Ebershoff publicou seu primeiro romance, *The Girl dinamarquês*, em 2000. Inspirado pela vida de Lili Elbe, uma das primeiras pessoas para realizar a cirurgia de mudança de sexo, o romance ganhou o Prêmio Rosenthal Fundação da Academia Americana de Artes e Letras e prêmio de ficção transgêneros Lambda para.

Ele começou a pesquisar sobre Lili por curiosidade através da bilhante história que foi tão pouco divulgada, mas foi pós morte que da protagonista, que Ebershoff pesquisa a fundo no ano de 1933. Para Ebershoff o maior desafio seria contara a história com total lealdade à história real, retrata-la da mais perfeita forma, mostrar o passado de Lili e deseja-se romper.

Em sua pesquisa contou com a ajuda de cinco bibliotecas, as quais forneceram-lhe a informações colhidas sobre Lili e, também, com o auxílio de algumas reportagens feitas com ela ainda em vida.

O principal interesse do autor era mostrar a ideia que Lili tinha de si mesma, sua autoaceitação. Essa história foi um desafio para o escritor devido ao casamento de Einar e Greta antes da transformação que já daria um ótimo romance mas também, o sacrifício de amor feito pela esposa que nunca abandonou Lili mesmo diante do sofrimento.

Ebershoff, trabalhava para a editora *Random House* por vinte anos. Começou com contratos de experiência durante os verões, para se deslocar até editor executivo. Sua mão não deixaram autores como *David Mitchell*, *Gary Shteyngart*, *Adam Johnson*, *Billy Collins* ou *Teju Cole*.

Ebershoff, também, editou *Jane Jacobs* ou *Norman Mailer* nos últimos anos de sua vida. Ele também editou as publicações póstumas de W. G. Sebald ou clássico Ebershoff Biblioteca moderna.³ partiu da *Random House*, em Novembro de 2015 para se concentrar na criação.

Ele é o autor de uma coleção de histórias curtas, a cidade de Rosa, que ganhou o prêmio de ficção Ferro-Grumley LGBT e foi indicado para o prêmio Lambda. Ele também foi indicado como um dos melhores livros do ano pelo *Los Angeles Times*.

Seu segundo romance, Pasadena, inspirada na história de sua cidade natal foi o seu primeiro best-seller, segundo o *The New York Times*. Seu terceiro romance, A esposa 19, vendeu quase um milhão de cópias em todo o mundo. O romance gira em torno de um jovem, Ann Eliza Young, acusado de poligamia nos Estados Unidos XIX.

Em 2010, o livro foi transformado em filme estrelado por Matt Czuchry, junto com Patricia Wettig, e Chyler Leigh.² O romance foi nomeado prêmio Ferro-Grumley naquele ano. Ele é professor de pós-graduação na Universidade de Columbia. Originalmente de Pasadena, Califórnia, ele agora vive em Nova York.

3. A GAROTA QUE ELA SEMPRE FOI: DINAMARQUESA

A Garota Dinamarquesa é um livro escrito por David Ebershoff a qual retrata a história de uma mulher ícone da luta LGBT no mundo, esse livro inspirou um filme e mostra para as pessoas que é possível viver sua identidade independente da sexualidade.

O livro é composto por 29 capítulos de uma história narrada em tempo cronológico, encontra-se acrescido por um posfácio do autor e uma entrevista feita ao mesmo sobre o que o motivou a escrever, ao todo o livro possui 363 páginas. Foi publicado aqui no Brasil pela Editora Rocco LTDA, traduzido por Pou Reis no ano de 2010.

O Romance, conta a história de um jovem pintor Dinamarquês casado, até então que atendia aos padrões exigidos pela sociedade, mas com o passar do tempo descobre sua identidade feminina, a partir daí começa a enfrentar uma série de problemas identitários.

O primeiro momento em que Einar, personagem principal da obra objeto desta análise, começa a se descobrir ocorre quando sua esposa Greta o pede pra pousar pra ela com um vestido e, assim, percebe o desconforto que aquilo o causa, pois, politicamente, para a sociedade não seria correto que um homem vista-se de mulher por um estante que fosse e percebendo este desconforto Greta o repreende,

Provavelmente Greta notou o desconforto do marido, porque estendeu as mãos, segurou-lhe as bochechas e disse: _Isso aqui não significa nada. Quando você vai parar de se preocupar com o que as pessoas pensam? Einar adorava quando Greta fazia essas declarações agitando as mãos no ar e proclamando as próprias crenças como a fé do resto do mundo. (EBERSHOFF, 2010, p., 15)

Einar, apesar do desconforto começa a relaxar , enquanto sua esposa lança-se em sua tela para terminar o trabalho, é como se ele sentisse que aquele vestido poderia ser dele, como se a seda estivesse lhe abraçando, ele não conseguia ficar de olhos abertos, parecia

hipnotizado, pousar com aquele vestido fez com que ele se encontrasse de fato com sua sexualidade.

Nesse momento, ouviu-se uma risada ainda maior por parte de Greta e Ana, e, quando Einar ia pedir-lhe que saíssem do ateliê para deixá-lo trocar de roupa em paz, Greta disse num tom de voz suave, cuidadoso e nada familiar:
- Porque não chamamos você de Lili? (EBERSHOFF, 2010, p., 22)

Depois deste dia, ambos não conversaram mais sobre o que ocorrera, porém, não esqueciam, foram muitas as vezes que Greta quase chama seu marido de Lili mas, conseguia reverter a tempo, aquele vestido parecia transformar de forma irreversível o relacionamento dos dois.

Greta tem a ideia de travestir Einar e o levar para uma festa para ser apresentado como prima Lili, ela faz isso como uma brincadeira, porém em meio a caracterização Einar se entregava cada vez mais, ele já se sentia muito bem e o que, anteriormente, parecia uma brincadeira para ele era o desejo sexual que sempre obteve, porém aprisionado pelo poder imposto pela sociedade.

A transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo. A partir do século XX, precisamente a partir de 1950, se observou um saber médico específico para esta experiência identitária que se materializou em diagnósticos diferenciados. A impossibilidade de qualquer exame clínico objetivo que determina se a pessoa que reivindica a identidade transexual é “um/a transexual de verdade”. (BENTO, 1996, p.19)

Na contemporaneidade, nos deparamos frequentemente com esse tipo de aprisionamento, as pessoas não fazem o que querem, elas repetem o que as outras fazem, é como se fosse um reflexo e este fosse ele apenas o correto a ser seguido. Com isso, torna-se pessoas infelizes e incapazes de expressar qualquer tipo de sentimento tornando-se uma espécie de fantoche manipulado pelo poder que a sociedade contém.

Era essa mesma sociedade que afligia o coração de Einar de tal forma que ele punia-se por desejar ao menos conversar sobre Lili, achava impróprio tocar no nome dela mais uma vez, até que ele toma coragem e fala pra esposa que andava pensando em Lili, Greta como na maior parte das vezes falava sem pensar indagou a ele, porque que ela não aparece novamente.

Foi daí que tiveram a ideia de levar Lili em uma festa onde fazia-se presente a mais alta sociedade Dinamarquesa e diriam que ela seria prima de Einar, pois, alguém poderia desconfiar da semelhança física, saíram para comprar roupas sapatos meias para Lili.

_Você está tão linda que dá vontade de beijar. Disse Greta quando Lili se vestiu. Ficava tão empolgada que tomara Lili nos braços e valsara com ela pelo apartamento, enquanto Edvard IV latia sem parar. Lili fechara os olhos pesados e

duros sob a camada de maquiagem, e ficara imaginando que Copenhague era uma cidade onde Lili e Einar podiam viver como se fossem um. (EBERSHOFF, 2010, p., 63)

Seria Einar apenas vestido de Lili ou seria Lili que tomava conta de Einar? O que importava era que aquilo seria um libertar, um desprendimento do biótipo imposto pela sociedade, a afirmação da identidade de gênero a que Einar ou Lili se identificava. Para esta situação é cabível o pensamento de Salih (2015), sobre gênero, ela afirma que:

O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos constitutivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social. (SALIH *apud* GT, 2015, p., 89)

Uma condição de gênero imposta pela sociedade que é rompida através da própria aceitação do indivíduo, a partir do momento que isso ocorre o ser sente-se livre como que tivesse encontrado o verdadeiro eu. É o que acontece com Einar, o mesmo está em constante transformação a partir do momento em que foi apresentado as novas experiências que deixou ele sexualmente completo.

Einar, resolve adotar então a figura de Lili, definitivamente, porém, sofre muito junto a sua esposa, ela o amava mas não o teria como esposo seria como se ele tivesse falecido, sem levar em consideração o que a sociedade iria pensar do jovem casal.

O desejo de Einar era visto como uma paranoia que deveria ser tratado psicologicamente, como forma de não ferir tão gravemente o que a sociedade impunha e também o amor que a sua esposa Greta lhe tinha, tenta fazer alguns tratamentos psicológicos, porque acredita-se ser paranoia o desejo que ele sentia em se travestir.

Mesmo assim, por não se tratar de paranoia, mas sim, a sexualidade aceita por Einar, o tratamento não evolui até ela resolver se submeter a cirurgia popularmente conhecida como troca de sexo, tornando-se uma garota transexual. Segundo, Bento (2008, p., 19) “*A transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo*”.

A transexualidade atravessa todas as barreiras estabelecidas pela sociedade para os gêneros, devido a isso impera o preconceito, ela foi a primeira pessoa a se arriscar a fazer uma tipo de cirurgia nunca testado antes, o desejo de romper as barreiras era maior que o medo de não tentar.

Contudo, a cirurgia seria muito arriscada como de fato, não deu certo e Lili acaba falecendo. Ela sofreu mais com a repressão da sociedade no tocante a não aceitação de sua sexualidade. O que fez com que ele tivesse receio de assumir de forma sólida a sua transidentidade.

A transexualidade não é uma experiência identitária-histórica, ao contrário, revela com toda dor e dramaticidade os limites de uma ordem de gênero que se fundamenta na diferença sexual. Quando se retira o conteúdo histórico dessa experiência, apagam-se as estratégias de poder articuladas para determinar que a verdade última dos sujeitos está no seu sexo. (BENTO, 2008, p., 24)

E essa luta permeia até hoje de forma vagarosa, mas com a certeza de que é preciso lutar ir em busca do “EU” independente do que a sociedade impõe, tenha como inspiração Fraulein LILI Elba primeira garota transexual do mundo.

4 CONSIDERAÇÕES

Nesse trabalho foi desenvolvido uma análise biográfica/interpretativa ao romance A Garota Dinamarquesa, a abordagem feita da transidentidade representada na vida de Lili Elber, uma das primeiras mulheres trans do mundo, que devido sua história de dor e coragem tornou-se ícone das lutas LGBTs, observamos o quanto a sociedade utiliza seu poder opressor para intervir na vida das pessoas a ponto de tira-lhes a liberdade.

Logo, a pesquisa intitulada por “*O Papel da Transexualidade na Representação de Uma Transidentidade da Contemporaneidade*”, chegamos a um processo identitário riquíssimo, o próprio autor do livro fala que foi inspirado a escrever pelo fato de Lili ter sido uma grande contraventora, corajosa que mesmo em meio a um cenário tão crítico, ainda sim, conseguiu fazer a cirurgia de ressignificação de sexo estando ainda casada, e antes dessa fase passou por grande dificuldade de auto aceitação.

A morte de Einar representa a libertação definitiva de todos os julgamentos dos estereótipos aceitáveis da sociedades, Lili, enfim, poderia ser ela sem culpa sem passado apenas ela. Veja que foi preciso que ela morresse para conhecer a verdadeira liberdade, já que pessoas como ela não tem vez nem e voz perante as regras impostas pela sociedade opressora.

A história de Lili, também, é a história de arte de identidade de amor. A arte vem representada pelos símbolos marcantes presentes em seus quadros, as cores que predominavam, verde, rosa e amarelo presentes em suas obras e sua identidade vem através da história hoje reconhecida como ícone do movimento Trans; Por fim, mas não menos

importante o amor, foi por amor que Greta abriu mão de seu casamento e apoiou desde sempre Lili até sua libertação onde ela já poderia viver sozinha.

“Quando abriu os olhos, viu que Carlisle e Anna ainda não haviam retornado. Não ficou preocupada; eles voltariam para buscá-la. Iriam encontra-la ali na cadeira. Do outro lado do rio os meninos corriam e apontavam para o céu. A pipa voava mais alto que os salgueiros, mais alto até do que a Augustusbrücke. Voava sobre o Elba: era um losango de papel que refletia o sol, puxando a linha enrolada no carretel. Então a linha partiu -se e a pipa soltou-se. Lili teve a impressão de ouvir os guinchos exageradamente excitados dos menininhos trazidos pela brisa, só que isso era impossível; eles estavam longe demais. Mas ela ouviu um grito abafado em algum lugar; de onde veio aquilo? Os meninos pulavam-na grama. O menino que segurava o carretel levou um soco de um dos colegas. Acima deles a pipa tremia ao vento; feito um morcego albino ou um fantasma, subia, caía e subia novamente, cruzando o Elba para buscar Lili”. (EBERSHOFF, 2010, p., 12)

Convém, lembrar, que Lili sofreu muito também pela não aceitação do eu, ela estava afetada pelo meio, e acreditava também não ser normal o desejo de se transformar, mas, foi com o apoio de sua esposa, que se tornara melhor amiga que ela conseguiu aceitar-se e alcançou sua liberdade.

Concluimos que a pesquisa tornar essa história ainda mais conhecida, valorizando o que realmente importa, que sejamos felizes, e que reconhecemos e respeitemos cada indivíduo como um ser livre de rótulos sociais. Apesar de ainda estarmos orientados a reproduzir as normas impostas sobre o gênero, tornou-se mais fácil o diálogo entre as múltiplas formas de sexualidade existente, atualmente, isso só é possível através da contribuição da Teoria *Queer*, que estuda o indivíduo e sua orientação sexual a partir do social, e que apesar de haver uma relação de poder imposta, é possível que se crie uma resistência, para que o grupo de minúsculas fique localizado à terceira margem, no meio.

Por tanto, vislumbramos uma sociedade sem preconceito e pré-conceito, e através da história de Lili que mesmo antiga ainda é uma luta atual, e que possa abrir a mente das pessoas para o respeito e consequentemente o amor.

RESUMÉN

Este artículo discutirá una breve descripción de la transexualidad, someter bastante que surge en las redes sociales y la participación de varios puntos de desacuerdo: políticos, sociales, económicos, psicológicos, culturales y / o sociales. Por lo tanto, el marco teórico, nos basamos en el pensamiento de la teoría *Queer*, que estudia el discurso de las minorías, ya sean homosexuales, lesbianas, trans, los negros, las mujeres y se opone a lo concreto de la mujer / hombre, heterosexual / homosexual, con miras que la sexualidad es algo construido a través de la identidad social. Es como romper las reglas, huyendo de la sociedad que tiende a imponer. Sin embargo, el propósito principal de este artículo es mostrar la aceptación por parte de la empresa con respecto a este sexualidad y lo que se impone a la persona transexual

en su entorno de socialización. Este estudio se desarrollará de modo analítico y comparativo, ya que se utilizará para la teoría Queer de Judith Butler (2003) comparando con el discurso de Foucault (1996 y 1998) en el discurso Orden e História de la sexualidad: el deseo de conocer, por lo tanto, hacer un análisis crítico del papel del discurso transexualidad aparece en el libro “*A garrota Dinamarquesa*”, a través de un método analítico / literatura. El análisis muestra que una sociedad prejuiciosa tiene un poder de control que silencia la diversidad drásticamente sexual, ya sea a través de los medios de comunicación, la religión o la ignorancia. No creo que hoy en día es diferente al anterior, el prejuicio es peor. Debemos respetar la diversidad, no sólo respeto, sino también defender el punto de vista de los marginados que no tienen tiempo ni voz.

Palabras clave: La transexualidad. “*A garrota Dinamarquesa*”. La diversidad sexual.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é Transexualidade?**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Série Primeiros Passo – 328)
- EBERSHOFF, David. **A Garota Dinamaquesa**. Rio de Janeiro : ed Rocco Ltda 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BEAUVOIR, Simone **O Segundo Sexo**, volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, 2ª edição, pp. 9-10.
- FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- SALIH, Sarah. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêtica, 2015.
- YouTube. **Conferência Magna Com Judith Butler | 9/9 das 16h às 18h | I Seminário Queer [português]**. Vídeo (1:41:45).
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pPEVDl4Ihi8>> Acessado em 25 de setembro de 2016 às 13:12.
- Disponível em: < <http://www.ebershoff.com/the-danish-girl/>> Acessado em 27 de janeiro 2017